

Revista Adventista

CONVITE AOS CRENTES

A PREPARAREM-SE PARA SE ENCONTRAR COM DEUS

Resolução tomada na Assembleia da Conferência Geral de 1954

Nós, delegados à sessão da Conferência Geral reunida em S. Francisco em 1954, consideramo-nos altamente privilegiados por servirmos como representantes dos nossos irmãos na fé através de todo o Mundo. Desejamos ardentemente partilhar convosco as bênçãos deste grande ajuntamento e transmitir-vos o que nos impressiona como a palavra particular de conselho que Deus tem para a igreja remanescente nesta hora solene.

Ao ouvirmos os relatórios do progresso em todas as nossas Divisões mundiais, experimentamos um sentimento de profunda gratidão pelo que Deus já realizou em favor do Seu povo e pelo que Ele está fazendo por meio do mesmo. O seu prosperador cuidado tem estado sobre nós desde o início. O Seu poderoso Espírito Santo tem multiplicado os nossos fracos recursos, fortalecido os nossos débeis esforços, a ponto de este evangelho do reino poder ter sido levado até quase todos os países, e continuará a ir adiante de nós ao avançarmos para as restantes partes ainda não penetradas da Terra.

Estamos agora bem dentro do tempo do fim da história humana. Pesa sobre nós uma solene urgência não só de nos levantarmos e de acabarmos a grandiosa obra de proclamação da hora do juízo ao Mundo, mas também de unida e diligentemente atendermos ao convite que o Céu envia à igreja através do profeta Amós: «Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus».

Estas palavras não são novas para nós. São-nos familiares, e no entanto momentosas e oportunas. O seu tremendo significado à luz do que se passa em nossos dias deve despertar-nos um renovado zelo para definida e inteligentemente nos prepararmos para encontrar o Senhor dos exércitos.

Toda a pessoa que crê que Deus existe e que a Sua palavra é verdadeira sabe que o tempo deste acontecimento está inevitavelmente próximo. Chegada a profecia bíblica às últimas fases do seu cumprimento final, com os modernos inventos bélicos e os instrumentos de aniquilação que aterrorizam os corações dos homens; rodeados pelos acontecimentos diários que se patenteiam perante os nossos olhos em todos os jornais, soando aos nossos ouvidos em todas as emissões, é evidente que estamos avançando rapidamente, irresistivelmente para o sublime acontecimento que para sempre fixará o destino dos homens e das nações e que constituirá o grandioso desfecho de toda a experiência humana.

Todo o Céu se encontra agora activo em preparação para a breve volta de nosso Senhor a esta Terra. Todos os desenvolvimentos da Terra em todos os aspectos da vida humana se estão moldando para esse fim. Todos os acontecimentos convergem para a consumação, há tanto tempo predita, dos propósitos de Deus. Todos os planos feitos pela divina sabedoria se aproximam rapidamente da sua execução final. Fazemos bem em nos prepararmos para encontrar o nosso Deus.

Pretendemos ter uma mensagem para este próprio tempo; uma mensagem que constitui a culminação do evangelho; que apresenta a única verdadeira explicação das condições dos nossos dias; que oferece o único remédio para um Mundo desesperado e arruinado; que supre todas as necessidades do homem caído; que é a solução de todos os nossos males e que é a própria plenitude da salvação de Deus. Mas a mensagem que temos é mais do que uma lista de doutrinas, mais do que um código de leis, mais do que uma série de regras. É uma mensagem que requer uma espécie de vida distintiva, uma vida em

Cristo Jesus. Os que vivem tais vidas testemunharão poderosa e eficazmente as grandes verdades da tríplíce mensagem. Serão os instrumentos que Deus usará para apresentar ao Mundo as mais convincentes provas da iminência da volta do Senhor. Então cumprir-se-á Isaías 8:18, e o povo adventista tornar-se-á o maior sinal dos tempos em que vivemos.

Temos, pois, a convicção sincera de que esta obra de preparação para encontrar o nosso Deus deve ser de novo empreendida por cada adventista do sétimo dia em todo o Mundo e levada avante com uma determinação persistente e santa. Dispomos de ampla provisão para o êxito naquilo que Cristo fez por nós e no que Ele quer fazer em nós. A Bíblia apresenta pormenorizadamente o que o nosso bendito Senhor fez em nosso favor pela Sua morte. Meditai nestas palavras vitais:

Ele morreu para tirar o nosso pecado. 1 Pedro 2:24.

Morreu para que morrêssemos para o pecado e vivêssemos n'Ele. Gál. 2:20.

Morreu para que pudéssemos ser feitos justos n'Ele. 2 Cor. 5:21.

Morreu para que não mais vivêssemos para nós mesmos. 2 Cor. 5:15.

Morreu para que fôssemos libertos do Mundo. Gál. 1:4.

Morreu para que pudéssemos tornar-nos filhos de Deus. Gál. 4:4, 5.

Morreu para que fôssemos santificados para Ele. Efés. 5:25-27.

Morreu para que nos tornássemos Sua própria possessão. Tito 2:14.

Morreu para que recebamos o Espírito Santo. Gál. 3:13, 14.

Morreu para levar-nos a Deus. 1 Ped. 3:18.

Com todas estas gloriosas coisas feitas por nós, com todas estas provisões e aju-

das postas ao nosso alcance, que nos há-de impedir de obtermos uma preparação adequada? Com Cristo como nosso tudo, não devemos nós saber que todo o pecado é perdoado, que o caminho está desimpedido entre nós e o Céu?

É nosso privilégio repousar na reconfortante certeza de que Cristo *para* nós é o nosso sacrifício expiatório; Cristo *em* nós é o nosso vivo poder; Cristo *debaixo* de nós é o nosso firme fundamento; Cristo *em volta* de nós é a nossa muralha de fogo; Cristo *junto* de nós é o nosso perfeito modelo; e Cristo *diante* de nós é a nossa herança eterna.

Com a própria plenitude da Divindade tornada a nós acessível em Jesus Cristo, não devemos, sem mais delongas, experimentar o reavivamento da verdadeira piedade e a reforma para a qual nos chamou a mensageira de Deus? Que nos impedirá de levantarmos em nossas vidas e conduta todas as elevadas normas de vida e ensino cristão?

À luz da maravilhosa provisão feita em nosso favor, e deste fervoroso apelo a nos prepararmos para encontrar nosso Senhor, não desejaremos fazer uma plena e completa consagração de nossas vidas a Deus? Isso trará vitória e alegria aos nossos próprios corações, e novo fervor e decisão para transmitir a mensagem de verdade aos nossos parentes, aos nossos vizinhos, às obscurecidas aldeias, vilas, cidades e nações até que este «evangelho do reino» atinja todo o Mundo, «e então virá o fim».

São estas considerações que nos levam, reunidos aqui nesta grande assembleia, a pedir aos nossos irmãos na fé de todo o Mundo que se nos unam em resposta ao gracioso e urgente convite: «Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus».

Cada igreja deve ser ensinada a permanecer sòzinha

Ao viajar pelo Sul em caminho para a conferência, vi uma cidade após outra que ainda não havia sido trabalhada. Porquê? Os ministros estão correndo entre as igrejas que conhecem a verdade enquanto milhares perecem sem Cristo.

Se fossem dadas as devidas instruções, caso fossem seguidos métodos apropriados, todo o membro de igreja faria o seu trabalho como membro do corpo. Mas as igre-

Por E. G. WHITE

jas estão morrendo, e querem um ministro que lhes pregue.

Devem ser ensinados a dar fielmente o dízimo a Deus para que os possa fortalecer e abençoar. Devem ser postos em ordem de trabalho, para que possam receber o fôlego do Senhor. Deve-se-lhes ensinar que, a não ser que possam permanecer por

si sós, sem um ministro, devem converter-se de novo, sendo de novo baptizados. Necessitam nascer de novo. *Manuscrito 150, 1901.*

Trabalhai pelas almas

Em vez de conservar os ministros trabalhando pelas igrejas que já conhecem a verdade, deixai que os membros de igreja digam a esses obreiros: «Ide trabalhar pelas almas que perecem nas trevas. Nós mesmos levaremos avante os trabalhos da igreja. Nós realizaremos as reuniões, e, estando em Cristo manteremos vida espiritual. Trabalharemos pelas almas que estão ao nosso redor, e elevaremos as nossas orações e mandaremos as nossas ofertas para manter os obreiros nos campos mais necessitados e destituídos de auxílio.» — *Testimonies, Vol. VI, p. 30 (1900).*

Chamada dos Obreiros das Conferências para os Novos Campos

Como regra geral, os obreiros das Conferências devem sair das igrejas para novos campos, usando a habilidade que Deus lhes deu para buscar e salvar os perdidos. — *Carta 136, 1902.*

Há necessidade de Trabalho em Novos Sectores

Os nossos ministros devem planear sábiamente, como mordomos fiéis. Devem sentir que não é dever correr entre as igrejas já edificadas, mas antes fazer trabalho evangélico activo em novos sectores, pregando a Palavra e fazendo trabalho de casa em casa nos lugares que não ouviram a verdade... Verão que nada é mais animador do que fazer trabalho evange-

lístico em novos campos. — *Carta 169, 1904.*

Se os ministros saíssem do caminho, se eles fossem para novos campos, os membros seriam obrigados a levar as responsabilidades, e a sua capacidade aumentaria pelo uso. — *Carta 56, 1901.*

As Forças do Ministério são gastas nas Igrejas estabelecidas

O nosso povo tem tido grande luz; e ainda muita gente da nossa força ministerial é exaurida nas igrejas, ensinando aqueles que deviam ser mestres; alumian-do os que deviam ser a «luz do Mundo»; regando aqueles de quem deveriam emanar fontes de água viva; enriquecendo os que poderiam ser verdadeiras minas de verdades preciosas; repetindo o convite do evangelho aos que deviam estar espalhados até às mais distantes partes da Terra, comunicando a mensagem dos Céus a muitos que não tiveram os privilégios que eles têm gozado; alimentando os que deviam estar nos caminhos e valados dando o convite: «Vinde, que já tudo está preparado». Vinde à festa do evangelho: vinde à ceia do Cordeiro; «que já tudo está preparado».

Agora é o tempo para lutar fervorosamente com Deus. As nossas vozes devem unir-se à do Salvador naquela maravilhosa oração: «Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu». Encha-se toda a Terra de Sua Glória. Muitos poderão perguntar: «Para estas coisas quem é idóneo?» A responsabilidade repousa sobre cada indivíduo. «Não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus.» — *Review and Herald, 23 de Junho de 1895.*

**DEPARTAMENTO DA ESCOLA SABATINA DA UNIÃO PORTUGUESA
(II TRIMESTRE DE 1954)**

CAMPOS	Núm. de Escolas	Núm. de Membros	Núm. de Presen.	Núm. de Baptis.	Oferta 12.º Sáb.	Oferta 13.º Sáb.	TOTAL Ofertas
Conferência	19	1.976	1.585	49	15.149.40	5.830.00	20.979.40
M. da Madeira	3	182	152	—	2.179.40	486.70	2.666.10
M. dos Açores	4	145	132	—	1.173.20	442.00	1.615.20
M. de S. Tomé	5	500	488	7	1.359.00	1.250.00	2.609.00
M. de C. Verde	6	340	288	—	606.00	261.60	867.60
	37	3.143	2.595	56	20.467.00	8.270.30	28.737.30
II Trim, 1953	35	2.971	2.631	101	19.110.60	6.604.70	25.715.30

O Secretário

PEDRO B. RIBEIRO

ELLEN G. WHITE

— Vista pelos que a conheceram — V

por ARTHUR L. WHITE

(Secretário das Publicações de Ellen G. White)

Como vizinha

Quando o doutor da lei foi ter com o Salvador, perguntando o caminho da vida eterna, a conversa voltou-se para a relação do homem para com os seus semelhantes. Em resposta à pergunta: «Quem é o meu próximo?» Jesus contou a história do bom samaritano, levando à inequívoca conclusão de que o verdadeiro próximo é aquele que faz o que pode para ajudar os que estão em necessidade ao seu redor. Actos de humana bondade, naturalmente, não são de ordinário registados; todavia, encontramos aqui e ali referências que nos ajudem a compreender que, segundo a definição da parábola, James e Ellen White se esforçavam por ser bons vizinhos.

Os primeiros diários de Ellen G. White que possuímos, precedem a organização de instituições e de conferências, e a escolha de um nome denominacional. Esse livrinho, datado de 1859, encerra registos de um período que se iniciou pouco depois de o pastor e a sr.^a White se haverem estabelecido em seu próprio lar, em Battle Creek, Michigan. O registo de 2 de Janeiro recorda a dádiva de um vestido e uma capa a uma irmã em necessidade. Dois dias depois, a 5 de Janeiro, se bem que muito atarefada com os preparativos para uma longa viagem, ela foi insistentemente convidada a ir às lojas e ajudar na escolha de «algumas coisas para Roxana».

No dia seguinte, encontramo-la dando um vestido «meio usado» para a necessitada mãe de uma menina empregada em sua casa, e em relação com isto acha-se a exclamação: «Que Deus tenha misericórdia dos necessitados.» Entre os muitos registos diários, encontramos frequentes menções de providências em benefício dos destituídos de recursos. Eis a que encontramos em certa terça-feira:

«Caminhei para o escritório. Fui chamada a ver a irmã Sara (Belden), e sua mãe. Sara deu-me um vestido e dois aventais para o pequenino da irmã Ratel. .. Fui (de carro) à cidade, e comprei algu-

mas coisas. Comprei um vestidinho para o bebê da irmã Ratel. Vim ao escritório, ajudei-os um pouco aí, e voltei então a casa para o jantar. Enviei aqueles artigos à irmã Ratel. Maria Loughborough enviou-me outro vestidinho, de modo que ela se arranjará muito bem, agora.

«Oh! se todos conhecessem a doçura de dar aos pobres, de ajudar a fazer bem a outros e a torná-los felizes! Que o Senhor me abra o coração para fazer tudo o que estiver ao meu alcance para aliviar os que se acham ao redor de mim! — que me conceda sentir o infortúnio do meu irmão.» — 1 de Março de 1859.

Folheando as páginas desse livro gasto pelos anos, encontramos muitos registos indicando actos de humana bondade para com os semelhantes. No dia 21 de Abril, depois de falar do que escrevera e do compassivo interesse dos membros de certa igreja para com uma família necessitada, achamos as palavras: «Contribuímos para alívio della com cerca de 140 escudos. Comprámos-lhe vários artigos de mantimento, e fomos levar-lhos».

O cuidado para com os doentes

Depois da visão de 6 de Junho de 1863, quando foi revelado à sr.^a White que as transgressões das leis da natureza eram a causa básica das doenças, foram-lhe mostrados os benefícios de cooperar com a natureza na restauração da saúde. Ao sobrevirem doenças ao lar dos White, eram empregados com assinalado êxito métodos simples e racionais de tratamento. Depois, quando os vizinhos e amigos se achavam enfermos, o pastor e a sr.^a White eram frequentemente chamados para ajudar com conselhos e em fazer tratamentos. A esse respeito recorda, a sr.^a White, escrevendo a amigos de Battle Creek, em 1903:

«Antes de ser estabelecido o nosso sanatório aí meu marido e eu íamos de casa em casa fazendo tratamentos. Com a bênção de Deus, salvámos a vida a muitos que estavam sofrendo.» — Carta 45, 1903.

«Trazíamos para casa os doentes que haviam sido abandonados à morte pelos médicos. Quando não sabíamos o que fazer por eles, orávamos a Deus mais fervorosa-

mente, e Ele sempre dava a Sua bênção. Ele é o poderoso Médico e cooperava conosco. Nunca tivemos tempo ou ensejo de tomar um curso médico, mas éramos bem sucedidos ao agir no temor de Deus, e buscá-Lo pedindo sabedoria a cada passo... Uníamos a oração com o trabalho. Empre-gávamos os simples tratamentos hidroté-rápicos, e procurávamos então levar os olhos do doente a fixarem-se no grande Médico. Dizíamos-lhe o que Ele era capaz de fazer em seu benefício.» — Ms. 49, 1908.

Naqueles primitivos dias da mensagem, antes de haver para a obra manutenção regular como temos hoje, vários obreiros encontravam-se por vezes em necessidade. Há frequentes referências em declarações feitas por eles a períodos de semanas ou meses em que se achavam no lar dos White, como hóspedes gratuitos. Não sò-mente obreiros partilhavam de benefícios assim, mas por vezes também membros leigos eram assim auxiliados. Como ilus-tração, encontramos nos diários de 1868 que o pastor e a sr.^a White, enquanto resi-diam em Greenville, Michigan, ouviram falar de certa irmã que fazendo uma via-gem de negócios, se viu detida por uma grave enfermidade no hotel de Greenville. Eles foram em sua procura e levaram-na para casa, onde ficou até que tiveram a satisfação de enviá-la ao Instituto de Saúde em Battle Creek. Tomaram as crianças dessa aflita senhora em casa. Passaram-se cinco meses até que a mãe pudesse reassumir o seu trabalho e o cui-dado da família.

O diário desse mesmo ano regista a his-tória, dia a dia, do acidente que ocorrera a Sennica King (e que ocasionou uma frac-tura do crânio), de como ele foi levado para casa dos White, em Greenville, sendo cuidado dia e noite quando a sua vida pendia na balança, e enfim o seu completo restabelecimento. Para dar lugar a esse doente, a sr.^a White foi forçada a mudar o seu escritório para um aposento não aca-bado, tornando-se necessários muitos ar-ranjos a fim de atender às especiais neces-sidades desse semelhante.

Em suas extensas viagens, formaram-se relações com muitas famílias necessitadas e conquanto ela mesma se achasse muitas vezes incapaz de provar o necessário auxí-lio, fazia o que podia para minorar o mal. Certas ocasiões isto era feito mediante a confecção de agasalhos de tricô para os que trabalhavam em regiões frias. En-

quanto se achava na Europa, entrou em contacto com algumas famílias que ela sabia iriam sofrer se não lhes prestasse auxílio, de modo que, de regresso à Amé-rica, consagrava os momentos vagos a fa-zer meias de tricô que lhes foram envia-das. Poder-se-ia dizer que fazer tricô se tornara o seu «hobby» (entretenimento favorito).

Actos de humanidade na Austrália

Parece que em toda a parte havia oportu-nidade de ajudar doentes ou necessita-dos. Isto verificou-se especialmente na Austrália, pois a sr.^a White esteve lá du-rante um tempo de inflação. Na vizi-nhança de Avondale ela descobriu muitas famílias destituídas de recursos, e embora então os dela própria fossem limitados, não podia passar por essas famílias sem com elas repartir: Provia-lhes mantimen-tos, e em certas ocasiões ela própria ia de carro a longas distâncias a fim de entre-gá-los; de outras vezes fornecia-lhes rou-pas. Estas não eram muitas vezes ofere-cidas já feitas. Comprava boa qualidade de fazenda em peça, e distribuía-a em por-ções às famílias necessitadas. Caso a dona da casa não fosse capaz de fazer as ne-cessárias roupas, a governanta ou uma das secretárias da sr.^a White era às vezes enviada para ajudar, ensinando a mãe da família a costurá-la.

Havia muita doença naquela região. Al-guns podiam ser tratados em casa dos White, porém na maioria dos casos, ela mandava a sua secretária particular e a sua companheira de viagens, Sara McEn-terfer, para prestar auxílio. Por um tem-po em Avondale, o tempo da Senhora McEnterfer era quase todo empregado em trabalho semelhante ao de uma enfermeira pública. Todos os meios possíveis eram imaginados para ajudar os necessitados. Temos um vislumbre disto nestas breves palavras escritas em 1894:

«Compramos lenha de nossos irmãos agricultores, e procuramos dar emprego a seus filhos e filhas, mas necessitamos de amplo fundo de caridade de onde tirar para preservar famílias de morrerem à fome. ... Reparti minhas provisões domés-ticas com famílias assim, indo por vezes a mais de dezassete quilômetros para so-correr as suas necessidades.» — Carta 89, 1894.

Percebemos-lhe o tacto, nessa obra,

numa nota acerca de como foi ajudada uma família:

«Interessei-me em seu caso... Procurei antecipar-lhe as necessidades e nunca a colocar em situação de ter de mendigar trabalho. Procurei, enquanto estive em Cooranbong, dar um exemplo da maneira que me foi apresentada pelo Senhor.» — *Carta 105*, 1902.

Havia na casa dos White períodos em que era posto de lado todo o trabalho literário, e todos os membros da família se uniam em prover auxílio aos infortunados. A sr.^a White escreveu em 1897:

«Tivemos a noite passada uma sociedade de Dorcas em nossa casa, e minhas obreiras que ajudam na preparação de meus artigos para as revistas, e cozinham e costuram, cinco ao todo, sentaram-se até à meia-noite, cortando roupas. Fizeram três pares de calças para as crianças de uma família. Duas máquinas de costura trabalharam até à meia-noite. Creio que jamais houve um grupo de obreiras mais felizes do que o estavam essas meninas, a noite passada.» — *Carta 113*, 1897.

Que havia quantidade de casos para socorrer, torna-se claro diante do seguinte trecho:

«Não temos que andar à caça dos casos; eles caçam-nos a nós. Estas coisas impõem-se à nossa atenção; não podemos ser cristãos e passá-los por alto dizendo: «Alguentai-vos e vesti-vos», sem fazer as coisas que os hão-de aquecer e vestir. O Senhor Jesus diz: «Os pobres sempre os tendes convosco». Eles são o legado de Deus a nós.» — *Ms. 4*, 1895.

As várias moradas da família

Era costume dos White ter a sua própria casa. Ela achava isto um método prudente. Assim, em épocas diversas, eles possuíram modestas propriedades em Battle Creek, Michigan, em Healdsburg e Oakland, Califórnia. Mais tarde, após a morte do esposo, a sr.^a White possuiu casa em Avondale, na Austrália, e em Santa Helena, na Califórnia. Os edifícios eram bem conservados, e os terrenos aproveitados. O verdadeiro cristianismo, ela compreendia, reflectia-se no lar e nas terras. Ela gostava que os vizinhos a visitassem e, por sua vez, ia frequentemente visitá-los.

Ela encontrava especial prazer em seu lar de Elmshaven, próximo de Santa Helena, onde residiu os últimos quinze anos da sua vida. A casa, situada em uma colinazinha, era bem construída. Ao redor ha-

via pomar, vinha, jardim e horta, campo de feno e pastagens. Por todos os lados, a distância, achavam-se colinas cobertas de vegetação e do monte, que ficava ao norte, o Sanatório de Santa Helena olhava para o lugar em que ela habitava. Não muito depois da aquisição dessa propriedade ela mandou vir da Austrália o irmão Hiram James, para tomar conta das plantações. A família dele achou-se em breve confortavelmente habitando uma casinha de campo, para o leste. Do outro lado do regato, a sudoeste, ficava um pedaço de terra coberto de mata, e um jardim que ela deu a seu filho W. C. White, e ele construiu uma casa e aí estabeleceu a sua família, a cinco minutos a pé da casa dela. Para o sul havia duas casinhas de campo. Eram ocupadas pela família de seus auxiliares de escritório. Pouco depois, não distante foi construída outra casa para uma secretária. Outra casinha próxima à dela abrigava ainda outra família de um dos auxiliares.

Era com satisfação que ela pensava nessas famílias que a rodeavam. Ia com frequência a casa delas, e muitas vezes, mais além, aos outros vizinhos, no vale. Estas visitas proporcionavam-lhe refrigério, e deixavam acariciadas lembranças na memória daqueles a quem visitava.

Os passeios de carro à tarde

Nos últimos anos de sua vida, era costume da sr.^a White passear de carro nas tardes agradáveis. Era de ordinário acompanhada por algumas de suas auxiliares. Esses passeios levavam-na com frequência acima e abaixo pelo Vale Napa, e muitas ocasiões, também, pelos estreitos e serpenteantes caminhos da cadeia costeira. Essas viagens proporcionavam-lhe aprazível diversão, ao mesmo tempo que lhe ampliavam as relações pela vizinhança.

Ausente de casa, quando podia combinar as coisas, continuava esse costume. Em 1904 ela passou um ano em Takoma Park, Washington D. C., e ia frequentemente de carro pelas florestas e parques. Um desses passeios proporcionou-lhe um agradável incidente, no qual, como era humana, experimentou um pouco de ufanía, pois encontrou-se com o presidente Teodoro Roosevelt. Ela falava a esse respeito, escrevendo a seu filho:

«Dias atrás, a irmã Hall, Sara e eu fomos dar um longo passeio no Parque Rock Creek. Este é um bellissimo lugar. Raramente viajei em melhores estradas. É um

parque nacional. Aí faz o presidente os seus passeios. As estradas para carros são iguais, sim, bem iguais às que vi na Dinamarca ou na Suíça. Em nosso passeio encontramos o presidente. Ele cumprimentou-nos ao passarmos por ele.» — Carta 357, 1904.

Muitas das pessoas residentes num raio de dezasseis quilómetros de Elmshaven eram descendentes de europeus do sul. A sua principal ocupação era o cultivo das uvas e a fabricação de vinho. Bem em cima da colina havia uma fábrica de vinhos, de pedra, considerada por muitos anos como a maior do Mundo. Os adventistas do sétimo dia, com os seus princípios de temperança, não eram muito benquistos de muita daquela gente.

Estas circunstâncias, no entanto, não impediam a sr.^a White de fazer muitas relações cordiais com os que moravam nas plantações vizinhas. Enquanto passava de carro pelo vale, talvez observasse uma mãe na varanda da frente, ou no quintal. Era provável deter-se e conversar com a senhora. Não, ela não lhe conhecia o nome, mas isto não importava. Conhecia o coração de uma mãe, e os seus problemas. Muitas vezes essas visitas ofereciam-lhe ocasião para um bocado de obra missionária, fosse por palavras ou, nos casos dos menos afortunados, por acções.

Anos depois da sua morte, Ellen White ainda era ternamente lembrada por muitos moradores do Vale de Napa como «a velhinha de alvos cabelos que sempre falava tão amorosamente de Jesus».

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Exactamente a importância que faltava

Visitando outro dia um velho amigo nosso, estabelecido numa das capitais do Brasil, já há bom tempo, contou-nos, entre outras coisas, uma experiência muito interessante e até impressionante, que julgamos oportuno, a bem de muitos adventistas, publicar nesta revista.

Aquele bom irmão havia feito um cálculo estimativo de seus lucros, pois já estava a findar-se o ano, e de forma alguma queria ficar atrasado com o dízimo, mas sim incluir esta despesa ao mesmo tempo no exercício do ano quase a findar-se. Calculou uma quantia X, que prometeu pagar em determinado dia. A quantia era uma soma regular, e não tinha no momento em mãos o dinheiro, mas prometeu pagá-la, marcando o dia em que deveria ser buscada ou poderia ser recebida pela Conferência da qual é membro.

O dia marcado aproximou-se com passos gigantescos, estava já na véspera, e havia conseguido apenas um quinto do dízimo, importância esta que já estava guardada e reservada para este fim. Cinco horas da tarde, e nada mais entrou. Cinco e quinze, nada mais; bem, começou a pensar como iria cumprir a sua promessa, em outras palavras, pagar a sua dívida. Às 5,20 veio um comprador que de quando em quando fazia algumas compras. Em geral comprava mercadorias no valor de 5 a 10

mil cruzeiros. Pediu alguns artigos, mandando reservá-los. Pediu outros, reservando desses também certa quantidade, e outros mais. Finalmente, perto das seis horas, um pouco antes de encerrarem o expediente, fizeram a conta, e para surpresa do nosso velho amigo, importou em 57.000 cruzeiros, exactamente a importância que faltava para inteirar o total prometido. Nunca havia aquele cliente comprado tanta mercadoria, e o mais importante foi que pagou a importância à vista.

O nosso bom irmão juntou esta importância à que já estava reservada para liquidar o seu compromisso. Deu exactamente o total que devia, foi para casa descansar sossegadamente e no dia seguinte liquidou, como havia prometido, o seu compromisso do dízimo.

Deus sempre recompensa os fiéis. Prova-os muitas vezes, não há dúvida, mas nunca os desampara. Não deseja o amigo leitor ser-Lhe também fiel como aquele nosso velho amigo? Cremos que vale a pena servir a esse Deus, nosso Pai, que pode resolver todos os nossos problemas de forma stão interessantes e convincentes. — *Bernardo R. Schuenemann.*

A Voz da Profecia no Brasil

Quarenta estações irradiam os programas da Voz da Profecia no Brasil, presentemente. Durante o ano de 1993 os obrei-

ros da Escola Rádio-Postal corrigiram 63.385 lições e remeteram ao campo, entre outros, 4.358 livros e 13.609 palestras impressas. — *Boletim da Voz da Profecia*.

As nossas Emissões na Argentina

Na Argentina, alguns dos nossos dirigentes da Divisão Sul-Americana foram recebidos há pouco pelo Presidente Perón, e pediram-lhe autorização para fazer nesse país emissões religiosas. Os nossos irmãos ficaram encantados com o acolhimento que lhes foi dado; obtiveram uma boa resposta para o seu pedido. As nossas emissões deviam começar em 7 de Março na Rádio-Excelsior, de Buenos Aires. Actualmente emitimos cada semana na América do Sul em 73 estações.

Progresso na Etiópia

A União Etiópica relata que os quatro últimos anos foram anos abençoados sob o ponto de vista de evangelização. O número dos nossos membros passou de 488 para mais de 1.000, o que representa mais de 100 % de ganho sobre os anos precedentes.

Ganhando almas pela Colportagem

Perto de Jequitibá, Estado de Minas, Brasil, residia com a família o sr. Filipe Hubner, no ano de 1922, mais ou menos. Passando por lá naquele ano um colportor vendeu-lhe o livro *Vida de Jesus*. Passaram-se anos, quando percorreu aquela zona um outro colportor, vendendo-lhe o *Rei Vindouro*. Algum tempo depois outro colportor colocou naquele lar o magnífico livro *Nossa Época e o Destino do Mundo* e por último outro colportor completou aquela linda colecção, que emanava luz dentro das trevas, com a venda de *O Conflito dos Séculos*.

Passaram-se anos, e o sr. Filipe Hubner aprofundava cada vez mais o estudo daqueles livros, e deleitava-se com a família na leitura daquelas lindas promessas que somente o Deus do Céu pode cumprir. Longe de qualquer adventista, um dia foi informado de que a uma respeitável distância para viajar a cavalo — em Caparaó, lugar montanhoso — existem adventistas do sétimo dia. Preparou-se para a jornada, juntamente com a família, e para lá se foram com regozijo, a fim de receberem o baptismo anunciado por nosso Senhor Jesus Cristo. Não encontrando pastor

que os pudesse baptizar — pois já estavam preparados para poderem dar este passo tão solene — voltaram para casa, mas não desanimados.

Mais tarde, viajaram para Jequitibá, na fazenda do nosso querido irmão José Garcia, sendo animados por este e família, para que fossem a Caratinga, onde sem dúvida havia pastor que os pudesse baptizar.

Ali chegando, finalmente, para grande alegria de todos, foram baptizados, com excepção de um dos filhos, o qual foi baptizado nas Conferências Bienais de 1953, na cidade de Baixo Gandu, Espírito Santo.

Agora estão-se regozijando na esperança cristã, esperando a volta de Jesus, que não está longe.

«Existem muitos ramos de trabalho onde a mocidade pode encontrar oportunidade para um esforço útil. Deviam-se organizar grupos e preparar eficientemente os seus membros, ministros e evangelistas médico-missionários.» (*Conselhos aos Mestres*, p. 546). Sim, e não temos que preocupar-nos porque o nosso Deus fará um grande trabalho por intermédio de Seus servos, mesmo os mais fracos. — *Geraldo Geza Ivanicska*.

Os passatempos bons

Pessoas há que falam muito em seus passatempos e manias. O irmão Sims, jovem enérgico e empreendedor, disse-me que os seus passatempos lhe dão mais prazer do que qualquer outra coisa. O seu passatempo principal é emprestar uma mão auxiliadora onde é necessária, falar a alguém uma palavra encorajadora, ou plantar uma boa semente num coração acessível.

Certa vez, achando-se de visita a Santa Clara, na Califórnia, estava passeando despreocupado ao longo da praia até chegar a um lugar onde se assentou na areia e se pôs a observar as ondas a quebrarem-se de encontro à praia. Ao dar com os olhos no molhe próximo, que se estendia para dentro do mar, notou, na extremidade, um homem solitário, andando nervosamente para cá e para lá à beira do molhe, parando às vezes e olhando para as águas profundas.

O irmão Sims concluiu que o homem estava em necessidade de auxílio. Estava sem dúvida querendo reunir coragem bastante para dar um salto final que o libertasse para sempre da miséria desta vida. Andando rapidamente para a extremi-

dade do molhe, deparou com um jovem nervoso, rosto contrafeito, que relutantemente lhe contou a sua história. Tinha fraccassado miseravelmente em todos os empreendimentos. Não possuía dinheiro, nem amigos, nem lar ou parentes, e concluiu que o suicídio seria a melhor maneira de se libertar dessa situação.

— Venha comigo, disse-lhe o irmão Sims, e talvez possamos juntos resolver alguns dos seus problemas.

Nos próximos meses o jovem, que tão desanimado estivera, tornou-se fervoroso estudante da Escritura. O Evangelho do reino, qual grão de mostarda, criara raízes em seu coração, e tornou-se uma nova pes-

soa. Matriculou-se num colégio onde pôde pagar com trabalho as despesas dos estudos, até se habilitar para a carreira que escolheu. — *Stewart O. Kime.*

Os Adventistas no Mundo

Da população estimativa de 2.400.000.000 habitantes no Mundo, os adventistas do sétimo dia têm entrado e estão trabalhando em países que representam uma população de 2.364.431.157 habitantes, ou 98,5 % da população da Terra. Isto exceptua 33 países, com a população total de 35.568.843 de habitantes, ou 1,5 % da população do Mundo. — *H. W. Klaser.*

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS DE ABRIL DE 1954

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
<i>Colportores acreditados</i>				
António G. Duarte	214	7.205\$00	3.740\$00	10.945\$00
Maria Luísa Saboga	152	—	2.295\$00	2.295\$00
Isaías da Silva	129	930\$00	140\$00	1.070\$00
João António	48	1.485\$00	710\$00	1.205\$00
<i>Colportores autorizados</i>				
Idalina Ferreira	183	—	3.010\$00	3.010\$00
Júlia Costa	68	—	2.278\$00	2.278\$00
Flora Saramago	166	—	1.210\$00	1.210\$00
Júlia Sanches	190	725\$00	330\$00	1.055\$00
<i>Colportores ocasionais</i>				
Carlos Carvalho	30	1.073\$00	614\$00	1.687\$00
Afonso António	83	870\$00	—	870\$00
Fausto Gomes	17	355\$00	—	355\$00
Diversos	44	560\$00	665\$00	1.315\$00
	1.276	13.303\$00	14.992\$00	28.295\$00

RELATÓRIO DE MAIO DE 1954

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
<i>Colportores acreditados</i>				
António G. Duarte	256	8.890\$00	3.130\$00	12.020\$00
Isaías da Silva	163	1.947\$00	200\$00	2.147\$00
Maria Luísa Saboga	120	—	2.000\$00	2.000\$00
João António	129	515\$00	125\$00	640\$00
<i>Colportores autorizados</i>				
Idalina Ferreira	106	—	2.720\$00	2.720\$00
Flora Saramago	156	—	1.505\$00	1.505\$00
Júlia Sanches	152	325\$00	930\$00	1.255\$00
Júlia Costa	31	—	735\$00	735\$00
<i>Colportores ocasionais</i>				
Carlos Carvalho	28	830\$00	395\$00	1.225\$00
Fausto Gomes	76	800\$00	—	800\$00
Afonso António	198	715\$00	—	715\$00
	1.420	14.022\$00	11.740\$00	25.762\$00

O Secretário de Publicações
Fernando Mendes

UNIÃO ANGOLANA

RELATÓRIOS REFERENTES AO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1954

I. ESCOLA SABATINA

Campos Missionários	Escolas	Membros	Classes	12 Sábados	Dons natalícios	Fr. Inversão	13.º Sábado	TOTAL
<i>Bongo</i>	Eur. 1	114	1	4.276.00	100.00	12.00	2.582.00	6.970.00
	Nat. 87	5.804	538	3.057.00	135.00	81.70	615.70	3.890.00
<i>N. Lisboa</i>	Eur. 1	16	2	1.444.30	504.00	—	—	1.948.00
	Nat. 59	3.924	315	2.794.20	276.40	157.40	848.60	4.076.00
<i>Namba</i>	Eur. —	8	1	160.00	—	—	—	160.00
	Nat. 20	1.602	116	960.50	85.50	79.00	190.00	1.315.00
<i>Cuale</i>	Eur. —	8	2	536.00	—	—	170.00	643.00
	Nat. 27	2.702	117	2.126.10	134.60	89.10	183.30	2.733.10
<i>Luz</i>	Eur. —	7	2	133.00	—	—	—	133.00
	Nat. 29	1.231	107	2.305.45	102.90	90.10	285.60	2.784.05
<i>Lucusse</i>	Eur. —	2	1	486.00	50.00	—	70.00	606.00
	Nat. 5	260	32	123.20	—	—	34.00	162.00
<i>Benguela</i>	Eur. 5	113	5	5.665.00	1.672.50	334.00	790.00	8.461.50
	Nat. 1	31	3	—	—	—	—	—
<i>Luanda</i>	Eur. 2	32	3	1.198.50	—	10.00	230.00	1.438.50
	Nat. —	—	—	—	—	—	—	—
<i>Quilenges</i>	Eur. 1	8	2	158.00	100.00	30.00	113.50	401.50
	Nat. 6	488	18	298.80	3.00	3.00	60.50	365.30
<i>Totais gerais</i>	Eur. 10	203	19	14.361.80	2.426.50	336.00	3.892.50	20.766.80
	Nat. 234	16.042	1.246	11.661.85	738.30	500.30	2.417.70	15.327.15
<i>União</i>		244	1.265	26.023.65	3.164.80	836.30	6.310.20	36.093.95

II. MISSIONÁRIOS VOLUNTÁRIOS

Campos Missionários	Soc.	Membros	Membros de G. Miss. os	Devoção Matinal	Ano Bíblico	C. Leitura	Est. Bibliotecas	Cont. Missionários	Pes. Soc.	Literatura	Alvo Missionário
<i>Bongo</i>	38	1653	1221	1531	202	182	2543	1541	1004	1437	627.00
<i>Nova Lisboa</i>	29	958	905	895	127	102	2165	1032	1016	342	212.10
<i>Namba</i>	12	420	313	335	26	8	876	973	735	329	82.30
<i>Cuale</i>	23	1060	853	839	16	29	436	702	431	34	—
<i>Luz</i>	23	362	320	300	4	15	364	603	70	120	—
<i>Lucusse</i>	4	45	27	45	—	—	120	130	36	12	—
<i>Quilenges</i>	4	65	65	58	—	—	27	38	37	18	—
<i>Benguela</i>	1	32	32	15	3	—	56	6	77	98	305.50
<i>Luanda</i>	1	27	27	10	—	—	60	3	10	70	255.00
<i>União</i>	135	4652	3763	4028	378	336	6547	5038	3416	2360	1.526.90

III. DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO

Campos Missionários	Alunos das Catequeses	Ensino Rudimentar	Ensino Primário	Curso de Catequistas	Total geral	Alunos Internos	N.º de Catequistas	Prof. nativos	Professores europeus	Total de Obreiros
<i>Instituto do Bongo</i>	—	388	38	40	366	221	6	8	4	18
<i>Bongo</i>	857	362	—	—	1291	201	36	4	—	40
<i>Nova Lisboa</i>	810	530	—	—	1340	137	25	3	—	28
<i>Cuale</i>	427	137	4	—	568	103	20	5	1	26
<i>Lucusse</i>	36	32	—	—	368	23	14	1	—	5
<i>Namba</i>	309	75	—	—	384	39	10	1	1	12
<i>Quilenges</i>	73	35	—	—	108	42	5	1	1	6
<i>Luz</i>	321	142	10	—	473	104	24	1	1	26
<i>União</i>	2833	1701	52	40	4626	920	130	24	7	161

NOTÍCIAS DE ANGOLA

DO CAMPO MISSIONÁRIO DE CUALE

Deus está dirigindo a Sua Obra, pois se assim não fosse não seria possível levar as pessoas à decisão de deixarem as suas práticas de feitiçaria, idolatria, poligamia, escravatura e tantas outras coisas que de modo nenhum se coadunam com as máximas do cristianismo.

Aqui no Campo Missionário de Cuale, onde trabalhamos, podemos ver que o Espírito de Deus está operando activamente nos corações dos pecadores no sentido de os levar ao arrependimento e abandono dos pecados. Notamos que há, por toda a parte, um grande despertamento e um desejo ardente de ouvir a Palavra de Deus. Estamos constantemente recebendo pedidos de catequistas vindos de todos os recantos. Na região onde empregamos as nossas actividades há centenas de outros catequistas, mas o povo prefere o auxílio dos nossos, pois, dizem eles, a nossa mensagem é viva e o nosso trabalho no campo educativo é bom.

O trabalho do Departamento da Escola Sabatina tem-se desenvolvido de uma maneira satisfatória. Ao findar o primeiro trimestre de 1954 tínhamos 2.852 membros inscritos nas nossas classes da Escola Sabatina que são em número de 119 em todo o nosso Campo. Estamos pedindo a Deus e trabalhando com os nossos recursos para que no fim de Dezembro deste ano tenhamos 3.500 membros da Escola Sabatina. Vamos iniciar uma grande e demorada Campanha evangelística e quando a terminarmos, lá para os fins de Setembro, havemos de ver, com a ajuda de Deus, o que os nossos corações desejam.

Presentemente, temos em boa comunhão com a Igreja, 385 almas. Há mais 271 pessoas inscritas na classe baptismal e 1.663 na de ouvintes. Temos bastante fé para crer que o nosso bom Deus nos há-de ajudar dando-nos o Seu Espírito de Sabedoria e de Conselho de modo que possamos fazer a nossa parte na salvação destas almas. Sobretudo confiamos no poder e acção do Espírito Santo em favor da redenção dos sinceros e contritos de coração.

Que o bom Pai do Céu nos auxilie a conhecer a Sua vontade para nós e que dirigidos, amparados e instruídos por Ele possamos contar os nossos dias de tal ma-

neira que alcancemos corações puros e que, assim, muitas almas que ainda vivem nas trevas do paganismo, venham para a Luz Divina, para o Porto de Salvação. Oxalá a Misericórdia de Deus impressione fortemente os corações para que no fim deste ano possamos ter nos registos do nosso livro de Igreja pelo menos quinhentas almas fiéis! Cremos que isto pode ser.



Alunos da Escola de Cuale

O missionário, na diversidade do seu trabalho, está, por vezes, sujeito a ser tentado a colocar em segundo plano a obra de evangelismo directo. Conhecemos este perigo e desejamos atentar para a ordem do Senhor quando diz: «Procura conhecer o estado das tuas ovelhas; põe o teu coração sobre o gado».

Aquilo que os nossos corações mais anseiam é, indubitavelmente, a vinda gloriosa do Senhor Jesus, e nós sabemos que o que nos separa desse portentoso acontecimento não é o tempo nem o espaço, mas sim uma grandíssima tarefa inacabada — a difusão plena das boas novas de salvação. Compreendendo que Deus tem hoje meios para terminar a Sua Obra num curto espaço de tempo e lembrando que a serva do Senhor diz que os últimos movimentos seriam rápidos, urge-nos trabalhar afincadamente, vigiar e orar. Que o Senhor abençoe ricamente a Sua Obra, os Seus obreiros e todos os Seus filhos, estejam eles onde estiverem!

A. M. Candeias

O céu em vez de Hollywood

Fazendo-se eco de outras revistas e jornais, o «Século Ilustrado» de 24 de Abril do ano corrente noticiava a conversão da jovem atriz Penny Edwards, notícia que registámos na «Revista Adventista», de Maio. Em 1 desse mesmo mês de Maio, Penny Edwards e seu esposo eram baptizados na Igreja Adventista de Hollywood. O testemunho que em seguida publicamos foi escrito pela nossa irmã, depois do seu baptismo.

Senti verdadeiramente o apelo do Espírito Santo. Como poderia eu explicar de outro modo a miraculosa transformação que se operou em mim e no meu marido?

zoiro, no que ele acreditou, ou pelo menos fez menção de acreditar. Foi o começo da minha carreira.

Não sinto o desejo de lembrar os anos brilhantes mas febris que se seguiram. O que se passou recentemente é tão maravilhoso que meu marido e eu nos encontramos repletos de admiração, e não desejamos falar senão disso.

Todavia, a título de informação, direi apenas que vim para Hollywood, onde em breve tinha boa esperança de me tornar uma jovem atriz de renome. Assinei o meu primeiro contrato com os irmãos Warner, com a idade de dezassete anos. Em 1951, encontrei Ralph Winters, um director de televisão, e casámo-nos.



O Pastor Branson, ladeado pela autora do artigo e seu esposo

Existe um profundo abismo entre a carreira teatral, como a que eu tinha seguido até aqui, e o adventismo, mas não tão grande que o Senhor o não possa transpor.

Recebi uma educação católica. Quando era pequenita, minha irmã e eu passámos um verão ou dois com religiosas na Missão Católica, a 110 quilómetros ao Norte de Nova Iorque. Mas eu sentia-me fascinada pelo cinema, atraída pelas brilhantes luzes de Broadway; e assim tornei-me dançarina especialista nas Ziegfield Follies, na idade de doze anos. Ao director que me perguntou a idade, respondi que tinha de-

Depois, numa manhã de Fevereiro de 1953, algo de estranho e de magnífico se produziu. Tive o sentimento de uma presença no meu quarto, e experimentei uma alegria que nunca antes tinha conhecido. Tinha o desejo de ler a Bíblia. Não a tínhamos em casa, e creio bem que nunca tivera qualquer pensamento religioso havia anos. O único sinal longínquo de uma impressão religiosa era uma cruz e um rosário que eu trazia sempre comigo durante as minhas estadias em Nova Iorque. Quando vim para Hollywood, mesmo isso deixei de usar.

Mas súbitamente experimentei a necessi-

dade de sondar as Escrituras, e de realizar uma vida melhor. Como explicar isso senão pela própria acção do Espírito Santo?

(Esperei alguns dias e, uma tarde, dirigi-me de carro a uma biblioteca próxima. Ali, pedi uma Bíblia, consciente de ser observada. Depois voltei para casa, e pus-me a ler os seus primeiros capítulos.

Ao ler os dez mandamentos, o meu interesse fixou-se no quarto mandamento. Quando meu marido chegou a casa essa tarde, perguntei-lhe simplesmente qual era o sétimo dia. «O Sábado, naturalmente», respondeu-me. Eu não disse mais nada. Mas tive então a coragem de ir a casa de minha tia, Sr.^a Rose Rease, que faz parte da igreja adventista, e de lhe contar o que estava fazendo. Ela ficou admirada ao saber que eu lia a Bíblia. Alguns dias mais tarde deu-me um exemplar da mesma, que estudei durante vários meses com avidez. Depois surpreendeu-me, no dia do meu aniversário, com um exemplar do «Drama dos Séculos», do Irmão Branson.

Li esse livro com muito interesse, e uma tarde pus-me de joelhos e orei para que Ralph o lesse também. Fiz alusão a esse livro que poderia interessá-lo, e que se encontrava bem visível na mesa da sala de estar. Sugeri-lhe que o lesse, de uma maneira tão simples quanto pude. «Certamente, passarei a vista por ele», disse-me alegremente. De novo o Espírito nos assistia, e por isso estou grata a Deus.

Esse livro interessou-o muito. Levou-o para o seu escritório, onde trabalhava na produção de filmes para a televisão, e percorreu-o à pressa. Depois pôs-se a ler as Escrituras, e em breve todas as nossas conversas incidiam sobre as leituras que tínhamos feito na Bíblia. Uma noite, precipitámo-nos para casa de nossa tia, e, imediatamente, assediámo-la com perguntas. Lembrou-me quanto ela se mantinha calma, paciente e feliz. Ao deixá-la fomos carregados de brochuras adventistas. Chegadas a casa, não cessámos de pensar na bondade de Deus.

Pouco depois, por sugestão de minha tia, fomos a casa da Sr.^a Grace Atwood para o nosso primeiro estudo bíblico. Encontrámo-nos tão emocionados como à nossa chegada a Hollywood. Era qualquer coisa de novo, de completamente diferente. Tínhamos começado por cantar hinos. Depois ela convidou-nos a ajoelhar-nos e a orar. Lembrou-me da beleza da sua oração. Estava admirada de que ela pudesse tê-la aprendido tão bem, pois que, como sabem,

entre os católicos as orações são recitadas. Qual foi a minha surpresa quando soube que essa oração vinha do coração!

Sob a condução do Espírito Santo, fomos rapidamente levados a aceitar as crenças dos Adventistas do Sétimo Dia. Já não assistimos às reuniões de Hollywood, e os nossos alegres companheiros começaram a eclipsar-se. Estávamos cheios de zelo e desejávamos que todos partilhassem a nossa nova esperança, mas quando sugeríamos aos nossos conhecimentos do meio artístico que seguissem estudos bíblicos, não tardaram a retirar-se.

Soube em breve que os ornatos exteriores não convinham a uma senhora cristã. A primeira jóia que deixei de trazer foi um pendente brilhante de ouro e pérolas que me tinha sido oferecido no Natal pelo meu marido. Era uma peça de joalheria que irradiava um lindo brilho resplandecente com uma bela miniatura de Nossa Senhora de Guadalupe. Continuei a trazer algumas das minhas outras jóias durante algum tempo, mas reconheci que era absurdo, e renunciei por completo a isso.

Depois de ter começado a estudar a Bíblia, fomos pela primeira vez a um culto religioso da Igreja Adventista de Hollywood, e continuámos depois sem interrupção, sempre alimentados pelos bons sermões de Lawrence B. Schick. O casal Schick foi muito amável e cheio de consideração para conosco. Guiaram-nos, mas não nos impeliram, e nós os apreciávamos por isso. Fomos baptizados pelo Irmão Schick em 1 de Maio.

Muitas pessoas perguntam-nos o que vamos fazer agora. Não o sabemos ainda. Abandonámos simplesmente tudo nas mãos de Deus, e sabemos que o Seu Espírito nos conduzirá. Estamos certos de que não nos abandonará.

Ambos desejamos trabalhar para o Senhor. Todavia Ele não nos revelou o que devemos fazer. Somos mais felizes do que nunca em toda a nossa vida, e agradecemos a Deus por nos ter chamado das trevas para a Sua maravilhosa luz. Cremos firmemente que Jesus volta em breve, e preparamo-nos, assim como a nossa filhinha, para ter um feliz encontro com Ele.

*Sr.^a Ralph Winters
(Penny Edwards)*

~~~~~

ASSINAI E CONVIDAI VOSSOS AMIGOS  
A ASSINAR A

«REVISTA ADVENTISTA»

# A IDADE DO HOMEM

A propósito dum artigo publicado há pouco num periódico semanal de grande expansão, sobre «A Idade do Homem» em que o articulista defende a teoria evolucionista e declara, finalmente, que «a versão bíblica fez de Adão e Eva os mais remotos ascendentes da espécie humana, carece de fundamento em face das especulações frias e judiciosas da ciência», tomamos a liberdade de expormos a nossa tese, demonstrando que não é a doutrina criacionista que carece de fundamento, mas sim a teoria evolucionista a que geralmente se dá o nome de ciência.

Existem, efectivamente, na actualidade duas fontes de informação de grande voga não só sobre a origem do homem, como também da existência em geral. Uma delas é a doutrina creacionista revelada no livro do génesis das Sagradas Escrituras em que apresenta Deus o autor de toda a criação e que é professada pela Cristandade. A outra — o evolucionismo — nega a existência de Deus, desse Deus pessoal e todo poderoso do Cristianismo, pretendem que o Universo e nomeadamente a terra, e tudo o que neles se contém, existem e evoluíram de si mesmas, pelos seus próprios recursos naturais, sem nenhuma causa independente e inteligente. É óbvio que se se pode provar que uma delas carece de fundamento, a outra tem de ser verdadeira porque não existem mais nenhuma teorias a esse respeito, a não ser certas variantes de ambas e a teoria agnóstica que tem tendências evolucionistas, nem é possível escogitar mais nenhuma.

Nesta ordem de ideias indagaremos sumariamente à luz da razão e da ciência que se reaciona com o assunto se o sistema evolucionista, que declara basear-se em características judiciosas e científicas, tem de facto fundamento ou não.

1.º — O ponto de partida do sistema evolucionista é a eternidade da matéria, isto é, admitem que a substância com que se construiu o Universo, existe de si mesma, sem nenhuma causa, desde toda a eternidade. Já aqui se vê que tal hipótese repugna à razão porque sabe-se que nada pode existir sem uma causa. «Não há efeito sem causa», é uma verdade incontestável. É certo que tem de haver uma única excepção ao «princípio de causalidade» como ponto de partida de todas as coisas, enfim uma «Causa Primária» incausada, e que

a doutrina criacionista também reconhece isso, apresentando Deus como tal porque doutra forma o problema ficaria eternamente insolúvel. Mas querer atribuir à matéria essa causa primária é um tremendo absurdo; é querer fazer da matéria o deus todo poderoso que, além de existir de si mesma, criar todas as coisas. Assim é perfeitamente lógico admitir que a Causa Primária não pode ser outra senão um ser sobrenatural — Deus.

Além disso sabe-se que, pelo desenvolvimento das ciências físico-químicas, o mais que o sábio pode fazer sem laboratórios, junto das suas retortas, é transformar a matéria, e não produzir a mais ínfima parcela dele. Isso prova que de facto a matéria não existe de si mesma, por natureza, mas que teve de vir à existência por uma causa sobrenatural.

Finalmente, por outro lado, a ideia da eternidade da matéria, não nos merece confiança alguma porque aparece pela primeira vez encorporada nas absurdas cosmografias da alta antiguidade, fazendo-a preceder da existência dos próprios deuses. E os filósofos da antiguidade não encontrando outra solução, na sua tentativa de racionalizarem o Universo, isto é, procurando a explicação dos fenómenos da natureza, encaminhavam-se ao mesmo tempo para o materializar, isto é, construindo-o pelos seus próprios recursos, embora não banindo de todo em geral a ideia da divindade, admitem tal hipótese. Foi Demócrito, considerado o fundador do materialismo, o que mais se salientou em defesa da ideia da eternidade da matéria.

Ora os materialistas modernos, defensores e construtores do sistema evolucionista, dos quais se destaca Haeckel seguem as mesmas pegadas dos seus correligionários antigos na sua concepção, sem fundamento da origem da matéria.

2.º — Em segundo lugar como resolvem os evolucionistas o problema da origem do Universo? Como tudo tem de ser unicamente devido a meios naturais e à evolução, importa imaginar uma ideia que se harmonize com tal teoria. Assim pretendem que a matéria tem características transcendentes e que age de tal maneira, ainda que inconscientemente, que foi capaz de produzir o Universo tal como existe, com todas as suas maravilhosas activi-

dades e ordem matemática, como se fosse uma directriz inteligente!

Haeckel, baseado nas hipóteses dos antigos filósofos e na absurda teoria de Spinoza, pretende, no seu empenho de pôr o Criador na rua, que a matéria tem pensamento, acção própria e vontade, e que os seus elementos antagónicos lutam entre si sem tréguas, a que dá o nome de «lei de substância, conforme já havia imaginado Empédocles (séc. V antes dele) na sua teoria «Amor e Ódio dos Elementos». É essa luta a causa de toda a construção astronómica e de todos os fenómenos! Quer dizer que no grande laboratório do Uni-

verso os elementos agem por si mesmos para um determinado fim, para realizarem uma obra maravilhosa com toda a matemática. Não é preciso haver ali uma directriz inteligente, um operador que dirija as operações. Tamanho dislate só poderia ser tolerável na antiguidade, mas não hoje se os homens querem de facto que o nosso século seja o século das luzes. Com efeito como se pode atribuir a uma coisa, à matéria e à energia característica e acções que só um ser inteligente possui?

(Continua)

JERÓNIMO FALCÃO

## NOTÍCIAS DO CAMPO

**D. BENVINDA MARQUES** — Depois de alguns meses passados no Continente, partiu, em 7 de Agosto, para Angola, a Irmã Benvinda Marques, dedicada enfermeira no Hospital do Bongo. Que o Senhor a ajude grandemente nas suas actividades, ao regressar ao seu posto de trabalho.

### UNIÃO DE ANGOLA

Recebemos um artístico programa da inauguração do novo dormitório para raparigas, realizada em 11 de Julho na Missão do Bongo. É mais um melhoramento que vem enriquecer o promissor campo, onde tantas maravilhas o Senhor tem operado.

### CONFERÊNCIA PORTUGUESA

#### Faro

Quando da minha última visita às igrejas, em que aproveitei fazer alguns exames das Classes Progressivas, fiquei encantado com o que se passou nesta igreja e que me serviu, na qualidade de secretário do Departamento dos M. V., de grande lição.

A Sociedade de Faro, que conta apenas 25 jovens inscritos, apresentou a exame 24, assim divididos: 21 amigos, 1 companheiro e 2 guias.

Que denota a apresentação de 100 % dos jovens como candidatas a exame? Em primeiro lugar boa colaboração dos jovens, sem dúvida, mas de uma maneira especial a dedicação e grande esforço do Irmão Chaves, pois além do seu muito trabalho em Faro e Luz de Tavira, não descurou o trabalho com a juventude, preparando-os, e bem, para o exame das Classes Progressivas.

Obrigado, Irmão Chaves, pela sua atenção à Juventude e pelo bom programa apresentado, e o meu desejo e oração é que em breve tenha onde instalar comodamente as dezenas de pessoas que estavam de pé, por falta de lugar na sala.

Fernando Mendes

#### São Julião

O dia de Sábado, 31 de Julho p. p., foi um dia inteiro de festa espiritual para a nossa Igreja local, pela presença do nosso prezado Ir. director

do campo português, Pastor Ernesto Ferreira, que veio aqui realizar diversos serviços religiosos.

De manhã tivemos o nosso culto e a Santa Ceia, tomando parte na cerimónia todos os membros da Igreja, bem como os candidatos ao baptismo.

Também foi consagrado ao diaconato o nosso prezado Ir. José Maria de Carvalho, figura preponderante na Igreja pela sua fidelidade integral e obras missionárias.

À tarde realizou-se o acto solene do baptismo de cinco preciosas almas que, como todos aqueles que atendem ao apelo de Deus, haviam decidido, em sua alegria e gratidão ao Salvador, deixar o pecado e o mundo com os seus enganos e tristezas para servirem ao Senhor e aguardarem o seu glorioso Reino. Era uma bela tarde dum dia quente e cheio de Sol, próprio desta quadra do ano. Foi num tanque pertencente a um dos baptisandos, o nosso prezado Ir. João Pires, que os nossos estimados convertidos selaram o pacto com Deus. O sítio era aprazível, rodeado de árvores frutíferas, de hortas e de levadas dos ribeiros. Grande número de pessoas assistiram a este acto da manifestação da «fé que uma vez foi dada aos santos».

À noite, finalmente, realizou mais o nosso Ir. uma interessante e proveitosa exposição das impressões das suas viagens à América e da obra do nosso Movimento do Advento que Deus está realizando naquele grande país, que foi muito apreciada, enchendo-se por completo o nosso pequeno salão da Igreja, ficando ainda várias pessoas de fora.

O nosso Ir. Ferreira falou da existência das nossas escolas primárias, secundárias e superiores para preparação de obreiros na vinha do Senhor, nos seus diversos ramos; da actividade a que os nossos dirigentes do Movimento Adventista se entregam para expansão da Obra em todo o mundo a fim de darem cumprimento ao mandato que Jesus revelou à sua Igreja para a nossa época, por meio da palavra falada, da página impressa, da obra médica, das escolas, etc., da existência de enormes salões utilizados para os nossos grandes congressos, que chegam a comportar 25.000 pessoas sentadas, etc.

Entendemos que tais reuniões, mostrando o que Deus está fazendo no mundo, são um bom estímulo para o ânimo e despertamento da Igreja e para que o público conheça o interesse que Deus tem pela sua redenção.

Vosso converso no Senhor,

*J. Falcão*

### MISSÃO DE CABO VERDE

«Dos números de Abril a Junho do interessante Boletim dos Departamentos desta Missão, que regularmente vem sendo publicado, extraímos as seguintes notícias:

«Nos dias 21 de Maio e 19 de Junho, realizaram-se baptismos, respectivamente, no Fogo, em número de 6, e 1 em S. Vicente. Na Brava há uma classe de almas preparadas para se entregarem ao Senhor, na primeira oportunidade. Em todas as igrejas está funcionando uma classe baptismal, que virá enriquecer este terceiro trimestre com muitas entregas ao Senhor.

«Realizou-se pela primeira vez a Santa Ceia na Ribeira do Ilhéu (Fogo), onde temos uma salinha para cultos, cujo mobiliário está em construção. Temos a certeza de que este grupo dará o abraço final à ilha, juntando-se com os irmãos de Salto.

«Com o excesso de algumas centenas de ecudados, estamos em vias de encerrar esta actividade para este ano.

«Segundo os últimos relatórios, Cabo Verde tem 217 pessoas baptizadas 197 jovens inscritos nas nossas Sociedades de M. V., dos quais 97 são baptizados. Na Escola Sabatina estão inscritas 357 pessoas.»

*Francisco Cordas*

### AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

**CUALE** — Faleceu no dia 27 de Maio o menino Eusébio Dinis, filho do Pastor Dinis Capinala. O menino tinha apenas dois anos e este é o terceiro filho que o Pastor Dinis perde, dois neste Campo Missionário, onde está presentemente trabalhando, e outro em Nova Lisboa.

Para o Pastor Dinis Capinala que, a despeito de tanta dor causada pela perda de três filhos, continua, cheio de fé e coragem, trabalhando activamente na terminação da Obra de Deus, vão os nossos melhores sentimentos e simpatia.

*A. M. Candeias*

**CABO VERDE** — Da Brava, tivemos a triste notícia do falecimento da Irmã Luisa Chora, cujos últimos dias foram toldados por uma pertinaz enfermidade. Era conhecida pelo seu zelo missionário e fé robusta, que manifestou mesmo nos tempos da sua doença. A ela está ligada uma parte da evangelização no Fogo, onde esteve auxiliando o Irmão Gregório Rosa. À sua filhinha, Tili, enviamos os nossos pêsames e desejamos as bênçãos de Deus.

Também na Brava descansou das suas lutas a Irmã Ana Turíbio de Burgo, avó do Irmão Pedro de Burgo, que se encontra no Continente, e mãe do Irmão José Turíbio de Burgo, pastor adventista, no Paraná, Brasil. Aos seus parentes, quase todos nossos irmãos na fé, enviamos as nossas condolências.

*Francisco Cordas*

**LISBOA** — No Hospital dos Capuchos, faleceu, no dia 4 de Junho, a nossa prezada Irmã Domingas Lazary Amaral, após algumas semanas de sofrimento. O funeral teve lugar na quarta-feira, dia 9, para o Cemitério do Alto de S. João. A Irmã Lazary descansou firme na bendita esperança da ressurreição.

No sábado, dia 12 de Junho, faleceu o nosso prezado Irmão Clemente Campos, dedicado membro da nossa Igreja. Este Irmão, há longos meses vinha sofrendo horivelmente. Ultimamente, porém, as dores haviam desaparecido e viamo-lo satisfeito, sempre sorridente, na Igreja. Este sábado havia sido para ele muito feliz porquanto o passara falando a Deus, evocando algumas parábolas e palavras do Mestre. À noite, sentiu-se mal e passados minutos o nosso Irmão Clemente fechava os olhos com a certeza de que os abrirá na manhã da Ressurreição para poder contemplar o Senhor Jesus face a face. O funeral realizou-se no domingo, dia 13, da sua residência, para o Cemitério do Lumiar. Acompanhou-o grande número de Irmãos e não menor número de pessoas suas amigas. Em sua casa e no cemitério foram dirigidas palavras apropriadas para o momento. O Irmão Clemente Campos deixa viúva a nossa prezada Irmã Maria do Carmo Campos e duas filhas a quem, uma vez mais, apresentamos as nossas condolências.

*Juvenal Gomes*

## NOSSO AMIGUINHO

Que leituras está oferecendo a seus filhos? Sabe que «NOSSO AMIGUINHO» é uma revista mensal que faz o encanto de todas as crianças que a lêem? Assinatura anual — 25\$00.

## REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO  
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA  
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA  
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,  
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e  
M. Miguel.

### PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Províncias Ultramarinas  
Número avulso ..... 1\$50  
Assinatura anual ..... 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.  
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA